



Visado pela
Comissão de Censura

O Gaiato



ANO XVII—N.º 421—Preço 1\$00
30 DE ABRIL DE 1960

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Facetas de uma Vida

Todos os sinceros e profundos estados de espírito estão sujeitos ao princípio da inércia: Não mudam rapidamente, ao sabor das ocorrências exteriores.

Eis a razão da insistência da mesma nota, seriamente enraizada, no coração do Amigo, difícil de convencer de que aquela passagem, de uma vida cheia de promessas, era outra cheia de sacrifícios, era consciente, livre, em procura de um bem maior, longe do qual já lhe não seria possível a felicidade.

Mas esta insistência na dúvida — que boa oportunidade não

foi para uma insistência sempre renovada e cada vez mais bela na afirmação daqueles cúmulos, cujo modo de alcançar o mundo não entende!

«Independência; riquezas; felicidade! Eis as joias que todos os homens procuram...» Também ele as procurou. Um dia, porém, achou uma pérola tão preciosa, que valia a troca por todas as outras joias! E a troca valeu para a sua felicidade e para a de tantos e tantos...

É que aquela pérola é inesgotável em beleza e em bem. Chama-se Reino de Deus.



então trocaremos à vontade impressões sobre as nossas vidas. Até lá chegarmos basta que lhe diga que a minha alegria e paz interior, tocam por vezes as raias da loucura! Saber levar a vida sem o concurso dos homens; cúmulo da independência. Saber levar a vida sem desejar possuir coisa alguma; cúmulo da riqueza. Saber levar esta vida com fé na Eterna; cúmulo da felicidade. Independência; Riquezas. Felicidade!



Eis as joias que todos os homens procuram, em toda a parte e por muitos modos. Não lhe posso dizer se eles as encontram, mas digo-lhe que as achei eu, num lindo e formoso vale da Galiza, à beira do Atlântico, escondido nas dobras de burel dum hábito religioso!!

É preciso muito espírito, é preciso muita força de vontade, é preciso muita confiança, é preciso muita fé para se chegar a este ponto, S. É preciso sobretudo e acima de tudo, saber falar com Deus, porque é justamente por meio da oração bem feita que se obtém as joias de que em cima lhe falo. Mais facilmente dentro das paredes das celas, e isso V. compreende, mas elas estão também ao alcance de todo o homem, qualquer que seja o seu estado social, se ele as sabe pedir com o espírito que deve. Esses livros falsos que V. lê e eu lia sobre a felicidade do homem, a educação do espírito etc, etc, ensinam uma filosofia muito material que morre logo os primeiros embates da vontade. Nós, homens que somos, que entramos em luta aberta conosco, temos que ser guiados pela mão de Deus, como V. guia hoje os seus filhos por esses desfiliados da Ilha, porque se o não somos, não podemos mudar os pés. O tempo fala-nos de homens cujos rasgos assombram o mundo e no entanto a história das suas vidas íntimas é uma série de vergonhas. Veja Napoleão das guerras e Napoleão com a Imperatriz Paulina!! Não há nada mais difícil do que esmagar o homem o seu Eu. O frade, para ser bom frade, tem que deixar o Eu fora das portas quando está em casa e tem que o deixar em casa quando sai para entre o povo. E isto só se consegue com o auxílio do sopro divino, com aquela oração singela que sentimos despregar-se-nos da alma, fender a atmosfera, perder-se no infinito e sentar-se aos pés de Deus!

Deixe falar S.! Quando ouvir babuseiras a meu respeito diga amen, mas não se convença do que dizem, porque a verdade está comigo. Estas palavras e estas ideias são a imagem do meu espírito. Eu quero que o mais pintado as venha contestar. De resto, aos meus ouvidos já nem sequer chega o eco das vozes do mundo e a imagem das figuras vai-se apagando à maneira que vou subindo para o infinito. Veja tudo com a negativa do seu Zeiss; nítido, sim, mas tão distante!!!

Saudades a todos e muitas do seu amigo certo,

Américo

NOTA DA QUINZENA

cebemos de gente que vive do seu trabalho e reparte — não sei se das sobras, se do que sacrifica — com outros Pobres como eles.

Também não é a constância deste aparecer mensal, o que mais nos impressiona, de tão habituada a tantos e tantos que não faltam com a sua quota, a sua prestação, voluntariamente assumida em compromisso.

O que nos faz ajoelhar, em louvor e acção de graças pelos justos que Deus concede ao Mundo, é a oração copulativa que uns meses por outros ele acrescenta à principal: «Junto envio a minha cota mensal de 20\$... e mando mais vinte (outras vezes são outras quantias) para fazer deles o que muito bem entender, porque tenho tido mais um pouco de trabalho e com o meu trabalho assim ajudo os que precisam».

Eu não mudo um acento nem uma vírgula para não profanar. Apenas sublinho, por não poder pôr em sangue e em relevo aquela causal: porque tenho um pouco de trabalho...

Ter mais um pouco de trabalho, para este homem que o mundo ignora (e ele mesmo se ignora) como senhor de uma consciência extraordinária, ter mais um pouco de trabalho — dizia — não significa dispender mais esforço, gastar mais energias, consumir a sua saúde, prender mais o seu tempo... Não significa nada disso, que ele nem em tal repara! Significa, sim, ter um pouco mais de rendimento. E... assim ajudo os que precisam.

Mas onde vai este homem buscar uma tal conclusão? À abundância dos seus haveres? Mas se ele há meses em que os 20 habituais lhe custam sangue? Então, a uma imposição de alguma lei?, de algum poder?

Nada disso. É do mais íntimo da sua alma que brota esta necessidade, de ajudar os que precisam. É de uma consciência da Justiça que raríssimos doutores da lei possuem e ainda mais raramente os que detêm (às vezes mais pela conjunção de muitas circunstâncias favoráveis, que pelo labor) as grandes riquezas.

Estes são por tudo e por todos levados a crer que o mundo foi feito para eles.

Continua na página dois

Todos os meses, a poucos dias do princípio, aí aparece a sua carta. Breve ela é, pois ele sabe por experiência, que o tempo, seu e nosso, não é para desperdiçar. Letra irregular, a dizer da sua condição humilde. Esmola pequenina, a condizer.

Ora até aqui não há nada de invulgar, pois muitas cartas re-

PATRIMÓNIO DOS POBRES

As nossas festas, o tempo de chuva e a vida de dentro das nossas casas não me têm deixado livre para o Património. Contudo, os párocos vão dando notícias muito satisfatórias do movimento que vão pára.

Arganil conta entregar o seu primeiro grupo no domingo do Bom Pastor. Coja anda com duas. Sinde começou a trabalhar. Na Beira Alta anda também fogo aqui e acolá. Na Lousã entregaram mais duas.

Coimbra, com a entrada do Bairro, não ficou. Pessoas e colectividades que tinham entregue o título, agora trabalham para pagar a casa toda que são três contos, e procuram amparar as famílias contempladas. Este é o caminho. Só faltam ali as Criaditas dos Pobres e a casa para elas está tão atrasada e falta quase tudo. Com as Criaditas, com pão e trabalho para as famílias, temos obra completa e cristã. Sem isto, de pouco lhes vale a casa.

Figueira da Foz tem 20 prontas, mas falta a luz e os esgotos da Câmara. Maceira—Liz vai continuar; Santarém continua com entusiasmo; Peniche anda a trabalhar; Abrantes já acabou o seu grupo. Oeiras tem mais seis; Paredes entregou mais.

Para além do Tejo também têm chegado notícias e muitas moradias estão prestes a serem entregues; Beringel, Moura, Estremoz, Redondo e por aí fora.

Hoje chegou esta carta de um pároco de uma cidade alentejana: —«Fizemos a entrega de mais uma. Foi para uma família de 10 pessoas... por enquanto».

Estou muito satisfeito porque o apelo que fiz para ajudarem esta família foi ouvido. Encheram-lhes a casa de tudo. Amanhã vou comprar-lhes 3 ovinos, com dinheiro que me deram para isso. Nem camas tinham estes desgraçados, que fui apanhar debaixo de uma árvore, aqui perto da cidade. Esteve o Presidente da Câmara, o Vice-presidente e mais um vereador e bastante povo; mais estaria se o tempo não fosse tão chuvoso.

Estamos já de volta com a sexta. Já vão crescendo as paredes e já há mais terreno para outra, e esperança de mais. Isto é sinal de crise próxima, uma abundância destas! Seja o que Deus quiser. Estou pensando num Calvário. Mas gostava de ser qualquer coisa deste género, embora tenha cá umas ideias. Já dei conhecimento disto ao pessoal daqui, no dia da entrega da última. Bateram palmas mas nada disseram...

Eu preciso de um carro, como de pão ou de ar. Mas Deus Nosso Senhor é capaz de nos dar a mesma opinião, senão já mo tinha mandado. Com uma carricana teria facilidade em me deslocar e ver obras por esse mundo de Cristo e até ver as desta 6.ª Casa, que me fica muito longe. Veja lá se consegue comover os Céus em meu favor! Eu cá fico esperando pelo seu milagre!...

E para esta 6.ª não há por aí uns rabiscos? Isto vai estando com o fundo à mostra.

Não sei se vai ler esta à mesma hora em que escrevo; se assim for devém-se-lhe fechar os olhos, porque a noite vai alta. E por isso: Benedicamus Domino e... tulla».

Quanto nos arrastam o exemplo e zelo destes padres pobres!

Padre Horácio



SETUBAL

Cartinho DOS RAPAZES

Campanha da Delicadeza

Vale a pena insistir, sobretudo quando a oportunidade vem de um de vós e nos é oferecida pela mão amiga de um leitor. Ora leiam:

«Escrevo mais directamente ao subscritor do postal que recebi do 3 do corrente.

Não sei se devo tratá-lo por V. Ex.^a se por V. Reverendíssima, nem percebi bem o nome que assinou. Seja como for, a esse meu prezado semelhante que falo neste momento.

Devia penitenciar-me humildemente, cheia de remorsos e vexada por haver escrito aquele postal que deu origem ao seu, mas tive tanta sorte em receber tão bela lição de diplomacia, complacência e transcendente cultura moral que me dou os parabéns pelo meu azedo rompante... E a graça que lhe achei... Não pude deixar de sorrir quando li o seu postal... Eu que fui tão brava, seca e malcriada recebo um agradecimento... Pensei dizer-lhe muita coisa e justificar o meu apego ao triste dinheiro que lhes enviei em Dezembro último, mas não posso perder tempo, nem devo roubar o do meu semelhante.

Só Deus sabe a minha luta, mas Deus que sabe da luta de todos nós ajudar-me-à a renunciar sem maior sacrifício e, assim, peço-lhe, aceite todo o dinheiro enviado para pagar a minha assinatura do vosso jornal até ao fim deste ano. Não quero até a Outubro de 1961, como disse.

Não lhes peço perdão do meu postal, nem sequer me peço perdão, simplesmente: agradeço-lhes. Francamente: Dá-me tanta satisfação tudo isto que não me apetece nada enegrecer a minha alma com remorsos e complexos. Certamente com esta carta dou-lhe mais uma prova de que tem razão em confiar em Deus, no seu semelhante, confiar no Bem».

Trata-se, como vedes, de correspondência do jornal. Ali se recebem cartas de todos os matizes: queixas, louvores, reprimendas..., umas vezes justas, outras vezes menos. O postal da nossa correspondente, ao que parece, era desta última categoria. Ou se não era, a delicadeza da resposta quebrou-lhe todo o justo azedume e é a própria assinante, agora, quem, em requinte, vem pedir desculpa, e agradecer, e, agradecer-se, por ter provocado «tão bela lição de diplomacia, complacência e transcendente cultura moral».

O nosso povo diz que «não é com vinagre que se apunham moscas». É verdade! Quantas vezes uma questão não terminaria logo e em boa disposição para ambas as partes se uma delas soubesse transigir e aceitar o parecer da outra, ainda que menos justo ele fosse! Perante a concordância inesperada, o outro contendor não tem remédio senão demorar em reticências o seu ímpeto, desfeito contra aquela muralha de boa vontade e pacifismo — e a questão arruma-se num pronto.

Quem é capaz de resistir a um Humilde? Quem tem força para combater, se o inimigo abre fraternalmente os braços?

Ora a delicadeza tem um poder tamanho, porque ela não é senão um fruto da Caridade, cujo exercício — é certo! — revigora a própria Caridade.

É por isso, meus rapazes, que tanto interesse me merece a Campanha que o Cândido fundou uns anos atrás. Não uma delicadeza ritual, somente externa, as mais das vezes fictícia e falha de espontaneidade. Mas uma delicadeza vinda de dentro, daquele princípio primeiro do espírito novo que Jesus trouxe ao mundo: «Fazer aos outros o que queremos que nos façam a nós».

Ora quem não gosta de ser bem tratado, compreendido, perdoado... — quem?

Então, aí temos porque esta delicadeza, a de dentro, se nos apresenta como grave, urgente e indispensável dever na vida em sociedade.

Por o meu passado e pela recordação das suas lágrimas é que eu aqui estou.

Ontem, porque sou faxina ao refeitório, fui distribuir a comida que sobrou aos muitos Pobres que se abeiraram dos muros do quartel. Quando já tinha distribuído tudo aparece mais um velhinho, bastante trôpego, que chorava a desdita de vir com muita fome e não chegar a tempo. De entre a chusma deles ouvi-se uma voz cristalina a dizer: «Eu dou-lhe daqui». Era uma

criança de 9 anos incompletos que assim falava. Que glorioso, que meigo brado o deste inocente! Levantem-se os Magistrados e não deixem que se afundem na lema, vozes tão altas como a de uma criança, que não sabe quem é o autor terreno dos seus dias. E pensarmos nós, que logo ao nascer, este pequenino foi marcado com o registo vergonhoso de um pecado, que não é seu!

A frase deste pequeno, é bem um livro aberto para estudarmos JUSTIÇA. Aprendamos nele a

CERTO Senhor contava-me há dias com muito espanto, que conhecia um casal judeu que tinha dez por cento do seu rendimento e o dava aos Pobres. É o dizimo, explicava ele maravilhado. Eu já sabia que todos os judeus de boa fé, fazem o mesmo. — Tiraram ao seu rendimento mensal dez por cento e dão-no; — por isso não me espantei. E aquele amigo começou a comentar e a increpar. Eu serenei-o. Eu mesmo estava sereno, pois se o judaísmo é uma sombra do cristianismo porque não havia de estar sereno? Convidei-o a subir ao escritório e mostrar-lhe testemunhos dos mais impressionantes.

Aquela «que eu tinha junto» diz tudo. É o fruto de muitas economias e privações. «Para pôr na Caixa a render». Um tesouro que há tanto tempo andava a juntar. Seria aos olhos, profanos uma segurança para a vida. E ia depositá-lo, mas leu o meu apelo no jornal e (o que é a pureza do Cristianismo!) «resolvi depositá-lo nesta caixa onde nos diz o Evangelho render cem por um e é com esta certeza que o faço porque as palavras de Jesus não falham». Fora de portas das Casas do Gaiato os membros exteriores da Obra da Rua vivem o nosso espírito na sua integridade — desprezo do valor material e confiança absoluta em Deus.

Aqui tens leitor o motivo porque eu estava sereno. Não é a doutrina que nos merece increpações e nem muitos cristãos que nos dão lições duma sublimidade única; é o comodismo de muitos homens cristãos, ou não, que nunca leram o Evangelho como quem me escreve este postal. Se o lessem e vivessem como Cristo quer e exige, não precisaríamos de falsas doutrinas a fustigarem-nos para vivermos como irmãos. Ah que se todos fôssemos da Nova Lei os

judeus não causariam espanto àquele senhor.

A nossa festa em Palmela foi para todos uma novidade. Nós somos sempre a novidade. O Evangelho é sempre novo!

«Foi de encher toda a gente» comentava-se.

Eu já sabia. Aquela reunião de amigos à volta do objecto que nos une: o rapaz abandonado

Leisbo a 26/2/60
R.ºmo Senhor Padre Acílio
Aqui mando uma mi-
guelinha ^{1.500.00} que tinha junto para
por na caixa geral de depósitos,
que me renderia a 2%. De-
pois de ler a notícia desta
família no vosso jornal
resolvi depositá-lo nesta caix-
a onde nos diz o Evangelho,
render cem por um; e é com
esta certeza que o faço, porque
as palavras de Jesus não falham.
Para que esses dois que ainda es-
tão a tempo, não continuem no
mesmo ambiente onde foi cria-
do o irmão mais velho, que diz
não ter obrigação de trabalhar
para sustentar os filhos de
seu pai...

Nota da Quinzena

Vem da página um

Foi há dias. À porta de uma loja em rua onde o estacionamento é proibido um Cadillac e seu «chauffeur» ambos impecáveis de brilho. O carro demorou enquanto a dona fazia suas compras. Eu estava observando. O tempo corria. Não vi que nenhum guarda protestasse por aquele estacionamento. Era um Cadillac.

À mesma hora, em ruas não de luxo, que furgonetas e carros pesados frequentam assiduamente, em seu trabalho, já tenho visto (e experimentado) a luta por estacionar um pouco enquanto se carrega ou avia um recado.

Sim, quase tudo e quase todos, ajudam à tentação dos muito ricos, já de sua condição tão dificilmente lançados no caminho das Bemaventuranças. Só uma falta de Caridade desastrosa. Desastrosa para os ricos; desastrosa para a sociedade em geral, onde reinaria outra satisfação feita de Paz, de Fraternidade, se estes tivessem como o nosso Manuel da Rua da Corticeira uma consciência delicada e uma noção exacta da origem e da finalidade dos bens terrenos, que Deus fez para o homem, pa-

ra usufruto de todo o homem, que vem a este mundo.

O nosso herói, estabeleceu o seu padrão de vida com o produto do trabalho médio, que ele reputa suficiente. — Os bens que assim adquire são o seu quinhão do que Deus criou para todos os homens. Se há mais um pouco de trabalho, ele não o enjeita, por desnecessário a si. Mas abraça-o, muito feliz, porque ele é necessário a outros.

Porque tenho tido um pouco mais de trabalho assim ajudo os que precisam.

E mandou 20\$!

«Para que serve isso?» sorriram os irmãos cientes e estêreis devotos dos grandes números.

Sim, se os que em vez de 20, distribuíssem aos milhões, dos milhões que lhes sobram e os afogam e escravizam, aos milhões de irmãos perdidos na grande massa dos 2/3 da Humanidade sub-alimentada, não haveria tanta fome nem tanta indigestão; tão numerosa miséria e tão intensa opulência. Haveria mais Justiça, portanto Paz, portanto Amor — a operar Justiça e a frutificar da Paz.

A vida seria mais apetecível de viver.

amado por amor de Cristo, havia de suscitar efervescências de alma que jamais se haviam experimentado. Por isso «foi de encher».

Ninguém sabe que lembrar melhor se os pequenos, se os grandes se o cantar, se o rir, se o sério. Ninguém sabe. E como? — Pois se tudo enchia as medidas!...

Muitos amigos nossos compraram os bilhetes e não foram. Eu tive pena e tive-a precisamente por saber da sua amizade sempre pronta a sacrifícios. Não foi o problema material que nos levou à festa: não. Embora fôssemos de capa. Isto era secundário. O grande objectivo era encher os nossos amigos.

O S. João de Palmela estava às ordens, os empregados, bombeiros também estiveram.

Materialmente, passamos os 9 contos.

Padre Acílio

Filhos de pai incógnito

À hora da refeição de ontem, um caso houve que me trouxe força para preencher esta coluna. Se me deu força a mim, tu a sentirás também dentro de ti.

30.000 X 20\$00 = 50 CASAS

Eu gosto muito destas queixas dos leitores e faço-as minhas. Ora escutem, por favor:

«30\$00 pagam a assinatura e os restantes 20\$ são para os 30.000x20, que parece está a perder terreno».

E estoura: «São 30\$ para pagamento da minha assinatura e 20\$ para auxílio da Campanha em que agora pouco se tem falado».

A verdade é que, para além da aglomeração do material que tem tornado impossível a regularidade da saída de todas as rubricas habituais do Famoso, esta secção não se tem imposto muito pelo fraco caudal que a tem alimentado.

Ele é verdade que se mantém as mesmas reacções do principio: gente a dar por outros que não poderão; famílias completas, em que não faltam os serviços; os que fizeram desta coluna uma renda mensal... Mas quão longe nós estamos dos 30.000 (e os assinantes passam deste número!) que multiplicados pelos 20 dariam o preciso prás 50 casas, no pensamento feliz, e fácil de realizar, da autora desta ideia.

É bem verdade que um rio se alimenta de muitos fios de água. E se este não é o mais abundante,

por outros ele virá—de tal modo que nós aqui afirmamos que não tem sido nem há-de ser por falta de meios materiais que o crescer do Património sofrerá esmorecimento.

Em todo o caso, valeu a pena esta campanha. Não só, — nem tanto! — porque «migalhas» também são pão; como por mais esta oportunidade que nos dá a a encontros salutareos e consoladores, como estes:

«Ao começar o ano de 1960, senti o dever de concorrer para a Campanha 30.000x20\$00=50.

Não faço nada de especial pois tenho uma casa. Não minha porque pago renda, mas ao lembrar-me de que há irmãos meus que vivem como Deus sabe sinte-me na obrigação de concorrer.

Junto envio 60\$ referente aos meses de Janeiro, Fevereiro e Março, até ao fim do ano enviarei 20\$ por mês».

E mais outro grito a dizer que ainda há na consciência de muitos homens a noção exacta da Justiça:

«Campanha dos 30.000x20\$. De um casal que viu resolvido o difícil problema da habitação em Lisboa, para aqueles que não têm ainda um tecto que os cubra.

E este testemunho de desprendimento de alguém, que sem ser rico, distribui agora das suas pequeninas sobras, e até do que lhe faz falta.

«Foram depositados no Montepio Geral de Lisboa, 50.000\$ dos quais 2.000\$ se destinam à campanha dos 30.000x20\$. Peço o favor de preencher os nomes dos 100 assinantes que vão de 2.000 em diante até esgotar a verba; se mais tarde aparecer algum a concorrer com os seus 20\$, passará o dele para uma vaga adiante.

Alfacinha».

Mais o assinante 33.251, com um programa tão simples quão revelador de muita dedicação ao Próximo.

«Prometi a mim próprio entregar-vos os meus aumentos de ordenado, e assim tenho feito, igual procedimento adoptando em relação aos negócios que arranjei para as minhas horas de folga, estando crente que, por mim e por vós, mais 100\$00 vos haverei de enviar, pois é bom sinal».

E só mais esta, de tão linda que é!

«Já não falto, felizmente. Quando prometo, devo; e como devo cumpro, para não empregar outra expressão, que não a sinto própria, para acto, que, para mim, é dos mais valiosos da minha vida: — Olhar pelo próximo, é dever nosso, mas *dever de preocupação permanente; e a satisfazer com sacrifício nosso*, para que maiores graças tenha do Senhor. (O sublinhado é nosso).

Calvário

Chamou-se Artur. Era de Cascais. Morreu em 5.ª feira Santa e a desfazer-se em podridão. O que nós podemos todos vir a ser! Que o chamamento dos nossos Doentes seja o penhor da nossa alegria pascal. Rezem Missa por ele.

PADRE BAPTISTA

rasgar o véu dos nossos olhos, e a abri-los para aquilo em que nos custa reparar.

Passado o momento de espanto, quis saber pormenores daquele pequenino mestre. Por enquanto é só pobreza material. Mas ele vai crescendo e o que hoje é candura e inocência, amanhã pode transformar-se em vício e maldade. O que o esperará? E de quem a culpa? Deixo-te a resposta e uma inquietação. Eu, andei cinco anos a trilhar cadeiras porque fui preso à porta dum quartel, onde esperava com que mitigar a fome. Nunca, durante esse tempo se provou que o homem tem tendências para o crime. «Não há homens maus, a perversidade é uma aberração» diz Pai Américo. E eu acrescento que é também uma aberração social, porque não foram cinco anos de saturação que me abriram a razão, mas sim os cuidados de Pai Américo, lembrados, actualizados.

Ernesto Pinto

Leio o nosso jornal, com verdadeiro amor.

Pode crer, que assim que re-

cebo e para que mais possa durar a sua companhia, todos os dias e assim, que acordo, depois das minhas orações leio um dos seus escritos. Assim, tenho aprendido a ser misericordioso».

Desde a última vez, se as contas não me falham, juntaram-se 4.780\$00.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

—O Domingos Anjos foi para a Tipografia da Editorial Missões de Cucujães. Cheio de vontade para vencer e com fé.

Estiveram de baixo da asa da galinha muitos anos e ora em luta com a vida, se vão fazendo homens. Se vão fazendo seres úteis à sociedade e à Pátria. Que sejam sempre exemplos dignos da Mãe que os trouxe no seio e os amamentou. Que sejam sempre honestos e dedicados, para que o seu trabalho frutifique. Saudades de todos.

—CONFERÊNCIA: Mais conferência. Pobres. Mendes. Confrades um pouco atrapalhados com falta

«daquilo»... É que, parecendo que não, ao fim do mês são umas boas importâncias na farmácia, alimentos, vestuário, concertos de casas, roupas de cama. Os senhores vejam lá e não deixem o caro Mendes sem resolver esses problemas. Cá esperamos por uma cheia, para que se inuntem as almas de alegria.

—Esteve cá o nosso Cândido que não pudemos abraçar. Tivemos pena, mas as coisas nem sempre correm como se desejam. Contudo, juntamente com a Anitas, não se esqueceram do Amigo. Sabe sempre bem abraçar estes nossos colegas que temos no coração. A sua companhia dá confiança, fé. Parece que andamos com mais firmeza.

Estamos muito contentes com os progressos da tua Tipografia e que tens muito trabalho. Um abraço do Sepadre Carlos, Sepadre Manel, Fr. Simeão e de todos os Tipógrafos...

—Jardins. O Fr. Simeão é que tem sido o grande animador. A nossa aldeia, com a sua alegria, muito e muito tem a lucrar. E a pureza das flores, vão tornando ainda mais belo este belo rincão.

Os tipógrafos estão trabalhando também no seu jardim. Começam a tirar as plantas aos outros e lá vai o Sepadre Carlos obrigar a entregar o seu a seu dono e pedir perdão das faltas. Mas a verdade é que desta maneira ou de outra, o jardim já está que é uma categoria e o resto é conversa... Sem jardins e sem flores a nossa aldeia não teria tanto perfume e não seria tão puro o ar que respiramos, nem os passarinhos aqui vinham fazer seus ninhos.

—Avarias. Muitas e muitas. Delas, nelas e com elas, os senhores Tira-Olhos e Zé Caraças. A senhora vê-se e deseja-se. As imitações. O leite que falta. O páteo que não se lava. A cozinha que não se esfrega e o comer sem sal, pois calhou logo de serem dois funcionários da cozinha. O Alfredo, que é o chefe, de vez em quando faz trabalhar a vassourinha, mas parece que o remédio tem de ser outro. Para grandes males, grandes remédios. Para Tira-Olhos e Caraças, grande colher de paul...

Daniel Borges da Silva

Pois Manuel Fernando aí apareceu, de bolsos bem recheados de amêndoas. Domingo de manhã, à saída da Missa, Rogério, Laranjinha e os outros «batatas» rodearam-no. Rogério, quando veio para cá chamava-lhe «paizinho». (Pudera!, pois se era ele quem fazia o comer!...) A designação alargou-

VISTAS DE

ganhasse Benfica ou Sporting. E disporiam dela os respectivos adeptos. Como todos sabem ganhou o Benfica, e nós resolvemos oferecer a aletria aos adversários como compensação do seu desgosto. Eu também fui no cortejo dos ofertantes para aferroar o Sr. Padre Manuel que é

—se por parte dos companheiros do Rogério. Aquela manhã na sacristia foi uma tempestade de beijos e abraços. E então quando começaram a chover amêndoas, a coisa tornou-se apoteótica. Estava só eu e eles na sacristia, onde o caso foi. Eu quisera ter fotografado e dar aqui a imagem, ou ser capaz de a descrever.

Mas foi ainda a minha acção de graças da Missa da Ressurreição: o ofertório a Deus daquele quadro, que só uma Família pode realizar.

Os senhores não queiram saber o que foi o jantar depois do último Benfica-Sporting. Eu meti-me em boa!...

Na véspera tinha prometido que se o Benfica ganhasse haveria aletria doce prós benfiquistas. Depois, caí em mim e verifiquei que a generosidade era muito partidária e optei por solução mais desportiva. Haveria aletria doce, Sportinguista. Zé Bolas levava um discurso para fazer. Mas foram tantos os apupos e tal a gritaria que me saiu amargosa a aletria doce.

Sim, Sr. Padre Manuel rendeu-se, discretamente. Mas onde ele exultou foi com o cabritinho que a Senhora Maria de Calves costumava mandar todos os anos pela Páscoa e este ano também. Realmente o cabritinho é muito lindo. E ainda mais quando, ao colo do Manuel «Chancudo», emoldura o rosto irradiante deste pequenino da erva. Manuel é muito trabalhador e decidido. Ele é um argumento vivo de que os homens não se medem aos palmos.

Manuel não vai à erva sem levar o cabritinho a pastar. Ainda há pouco lá estavam os dois à erva; um a cortar para as vacas; o outro a rilhar para si.

Cenas tão simples! Tão puras! Fazem tão bem à alma da gente! Pois eu que estava ligeiramente discordante — fiquei pelo Sr. Padre Manuel, mais pela sua decisão de conservar o cabritinho e de lhe arranjar compa-

parando as encomendas. Dois se estão preparando no Porto, como creio já haver dito aqui: o Zéquita e o Xico de Guimarães. Este anda ansioso. Todas as vezes que vou ao Lar, ou todas que ele vem aqui — sempre me pergunta: «Quando vamos para Paço de Sousa?» «Quando ficamos cá?»

O Xico tem 15 anos —idade em que muitos começam a querer distanciar-se naquela crise em que nenhum de nós sabe verdadeiramente o que quer. Por isso, mal o Xico sabe quanta alegria me dá, cada vez que me repete, com seu sorriso aberto, dentes ao léu, a pergunta sacramental: «Então quando vamos?... Quando ficamos?...»

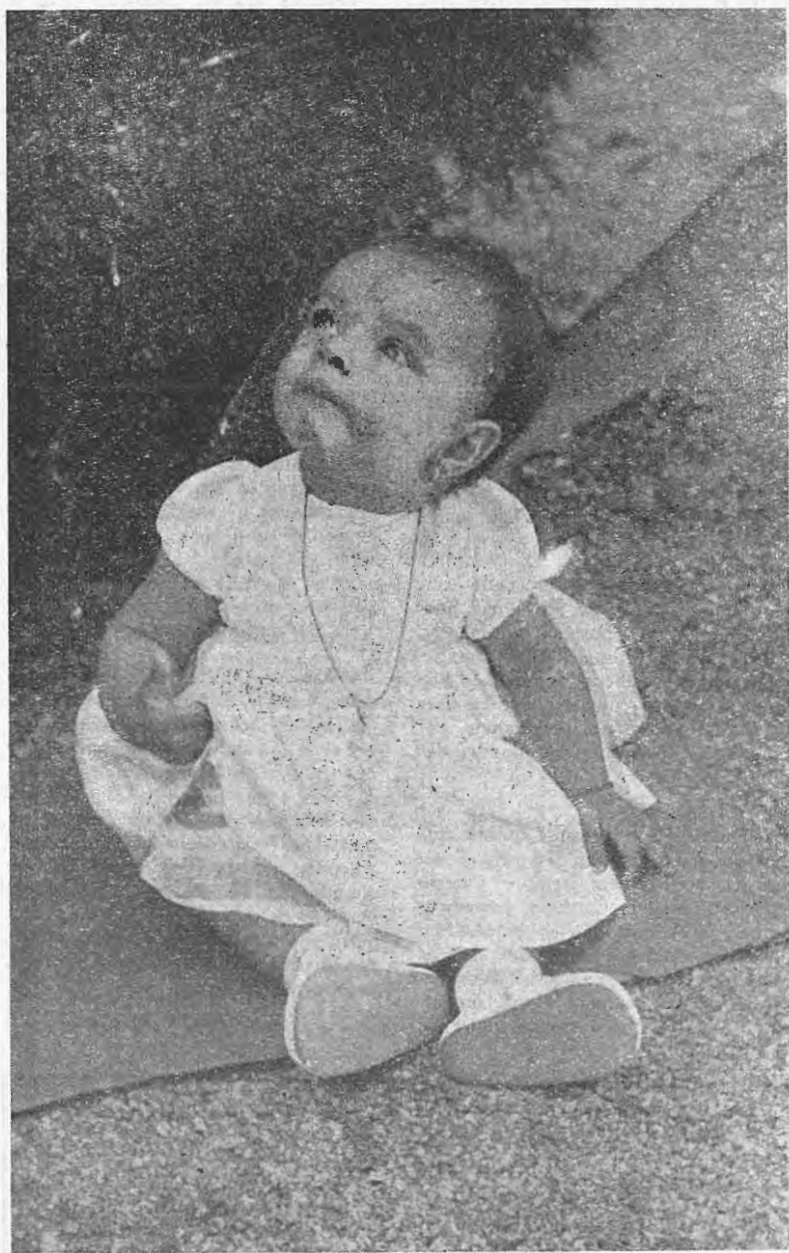
DENTRO

Ai o refeitório! De quantas consumições é causa, ou testemunha! Ele barulho a mais. Ele comida que se estraga. Dela mal repartida e não chega. Mesas que se sujam. Falta de maneiras...

Aqui há tempos Sr. Padre Manuel resolveu — e muito bem!! — que não se vinha para a mesa de fato macaco. Ele é traje de trabalho. Pois de fato macaco já ninguém vem. Mas agora que as tardes já são de muito calor qual há-de ser a moda? Fraldas de fora e peitos ao léu. As senhoras vão pre-



VISTAS DE DENTRO



Os netos da Obra da Rua são a nota mais frisante de vitalidade. Um acto de amor. Sacramento que se consuma. Terreno árido que frutifica. Deus que é louvado, como nos comunica a pureza da filha do Zé Constantino.

P.e Manuel, no seu plano de aproveitamento integral de toda a área lavrável da nossa quinta, tem realizado milagres de multiplicação. Ele encostas, ele pequeninos recantos de bravio desde que bem expostos e irrigáveis, ele surribas de todas as espécies e feitios.

Um dos pontos do seu programa tem sido o fomento dos quintais particulares, tradição já vetusta cá na Casa, mas este ano alargada a ponto nunca dantes atingido.

O melhor e mais extenso dos quintais pertence a uma cooperativa cuja cabeça é o Neca carpinteiro. Batatas, tomates, cebolas, favas, ervilhas... um pouco de todos os mimos. E, como acontece passar por ali perto o rego de uma mina, eis que a *engenharia hidráulica* do Neca projectou um desvio daquele curso de água e nós temos agora o que há muito eu dese-

java: agriões fresquinhos. É que eles fazem bem ao fígado — dizem!... E cá em casa há vários de mau fígado a principiar por mim.

Eu recomendo pois este número aos visitantes, neste começo da sua época! Quando vierem por aí, não se esqueçam, se o cicerone não tiver a iniciativa de os levar lá. Peçam para ver os *quintais*, alguns verdadeiros «jardins suspensos» nesta *babylonia* onde ao fim e ao cabo tudo sai certo.

Como todos sabem foram as nossas festas. À maneira de eco, ficaram durante muito tempo, as canções e outros números que mais agradaram. Eu pasmo do ouvido e da observação de alguns que, à simples primeira vista, ou audição, repetem, com grande fidelidade, o que viram, ou ouviram uma vez só.

Este ano um dos nú-

meros mais aplaudidos foi o das castanhetas maravilhosamente tocadas por um garoto de Miranda. Ainda ontem eu confirmei o êxito ao ouvir a gravação do Coliseu: Foi a maior ovação.

Pois bem: «Não há aí cão nem gato» sem as suas castanhetas. Ora até aqui nada de extraordinário. O pior é que não é geral o talento dos instrumentistas. De tal sorte que, em se juntando vários, é tal a desarmonia, que, ou pára a música, ou eu não dou muito pela minha integridade mental.

Outra moda que regressa no desandar do ciclo anual, são as bicicletas de pau e os arcos de ferro mai-las ganchetas.

É quando muda a hora. Após o jantar há um recreio maior enquanto não escurece. O tempo, geralmente, é bom. A fresca da tarde

convida. E aí temos nós circuitos à volta da aldeia; ou deles entre o pombal velho e o portão, pela avenida abaixo... E depois, é a pobre da Senhora (uma só para tantos filhos!) a *ralhar* com eles, mais comigo, porque assim não consegue dar conta do recado, de tantas chamadas urgentes à sala dos tratamentos, por causa dos corredores de cabeça partida.

Esta é o cúmulo. As bolas são dos nossos maiores quebra-cabeças. E são também grandes quebra-vidros. O que vai por aí é uma vergonha! Eu farto-me de dizer. P.e Manuel na mesma. Eu farto-me de confiscar. Aqui P.e Manuel um bocadinho menos do que eu. Mas nada... Nada pega.

Ele é chutar quando se sai da cama pró café. Vai-se a chutar prá oficina. Vem-se de lá na mesma pró refeitório. Sai-se pró campo de futebol. Antes do terço enquanto não tocam as três badaladas do silêncio, chuta-se...

Chutar é o verbo por excelência. Tanto que («Diz-me com quem andas...»), eu já ganhei sem querer, o hábito de chutar nos *sim senhores* dos chutadores importunos.

Mas esta foi o cúmulo!

Um dia destes estavam no refeitório. Zé Belas desapareceu, escorregando do banco e, durante minutos, não vejo senão sua cabeça ondeando rente à mesa. Que seria? Esperei. Até

que fui espreitar. Pois sabem os senhores?! Era o Zé Bolas ensaiando fintas com a bola debaixo da mesa! Nunca um apelido disse tão bem da realidade!

Este tempo é de encantos, a muitos títulos. Eu, por mim, prefiro o Outono, mas a Primavera tem a vantagem de nos trazer tréguas dos rigores inverniais, especialmente apreciáveis em ano farto de temporal, como foi este.

Mas há outra coisa que lhe dá muito interesse. São as sementieras. É o trabalho aturado e a esperança que renasce em cada ano de que a próxima colheita satisfará. E o homem é tão pouco feito, em definitivo, para a Terra, que nela sempre lhe saberá melhor esperar do que atingir.

Esperar é o verbo da Terra.

Mas não era isto que eu ia a dizer ao começar este parágrafo. A tal coisa que, em nossas casas dá muito interesse no tempo das sementieras, é a sinfonia dos «batatas» cantando, e acompanhando-se de latas na mão, no espantar dos pardais gulosos das sementes.

Há pouco fui dar uma volta por aí. Zanguemei-me duas vezes e regalei-me outra, ao som da melodia de que só posso comunicar a letra:

«Chô! Passarada
Rua de Almada
Milho miudo
Meia canada

Ó pimpões
Ó ladrões
Comestes o milho
Deixastes os feijões».

É segunda feira de Páscoa. Em todas as nossas casas gozam umas breves férias os nossos tropas. Este ano foi um regimento só da Obra da Rua. Eu já pensei em pedir ao Sr. Ministro do Exército uma medalhinha de bons serviços!

Todos já escreveram ou contaram as suas impressões algo contraditórias. Uns queixam-se do comer, outros do dormir. Outros do quartel. Outros do aspirante. Uns porque longe. Outros porque perto.

Só o Acácio, que sempre foi um alegre e optimista, só ele não diz mal de coisa nenhuma e confessa, ele mesmo, o seu contentamento. Ora como o Acácio é o que está mais longe (Cavalaria 8— Castelo Branco) e a quem muito jeito fazia estar perto, por causa dos estudos, eu vou dar aqui a sua carta. Pode ser que caia sob os olhos de alguma alta patente, que em vez da medalha à Obra mo transfira para o Porto.

«Amigo e Sr. Padre Carlos, em primeiro de tudo desejo-lhe boa saúde, que são os meus sinceros votos.

O Sr. Padre Carlos está bem?, e a malta toda também?, eu por cá ando na recruta, digolhe francamente que mais ou menos as coisas correm bem, o diabo

foi a injeção que tomei.

O ambiente de Cavalaria é bom: tenente, oficiais, sargentos etc. até há aqui um sargento que me quer levar para o Benfica de Castelo Branco.

Já fiz dois concursos para especialidades e passei nas duas, foram: exame de psicotécnico e para distribuidor de Mensagens ou Cifra.

Ainda não estranhei nada, tudo o que aqui se faz já eu aí fazia, então a descascar batatas sou o mais rápido da unidade depois dos cozinheiros. Como vê isto a vida de tropa, onde se aprende muita coisa, o suficiente para o rapaz se safar de certos problemas que surgem na vida, digo-lhe que não estou arrependido de ficar apurado.

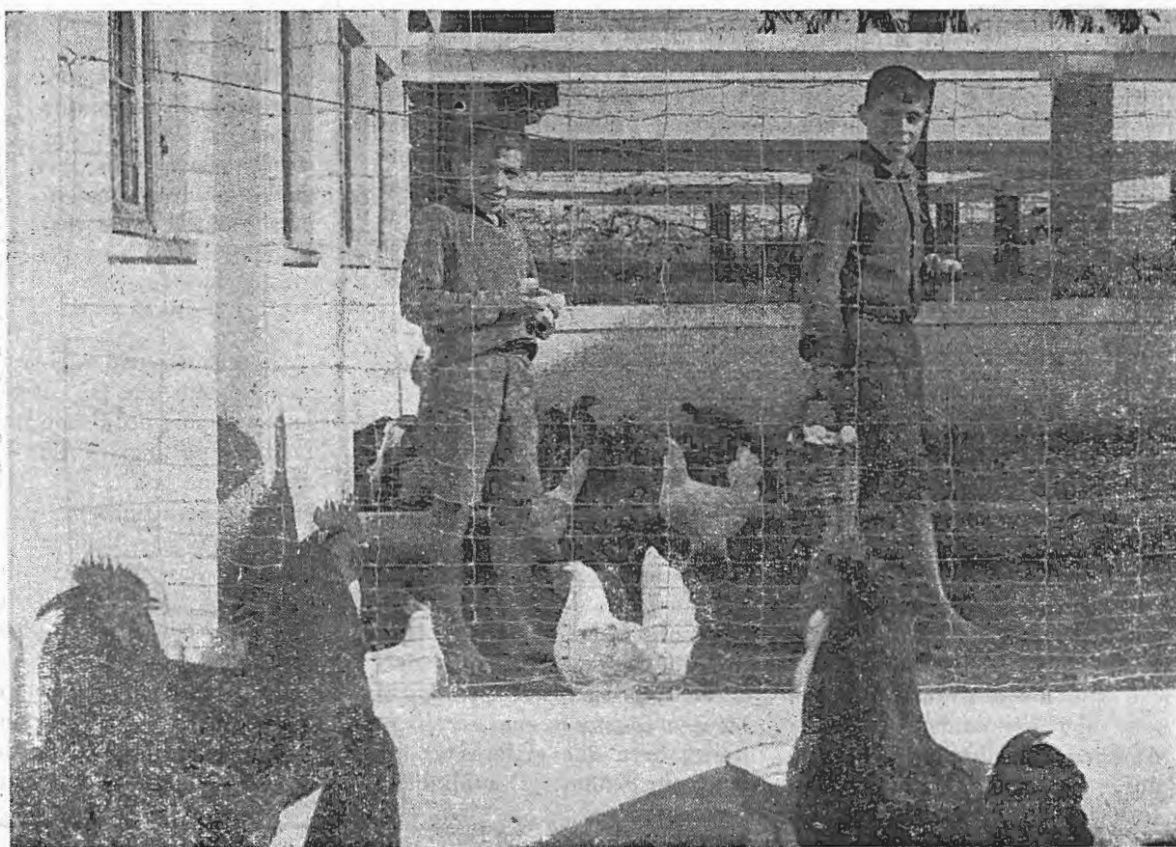
Acácio
Soldado 386».

O «Russo da cozinha» — perdão, o Manuel Fernando—é hoje mui respeitável dispenheiro no Hotel Infante de Sagres.

Ora veio a Páscoa e ele não se resignou em ficar sozinho longe da reunião da Família presente, acrescida nos dias de festa de vários outros que estiveram e vivem já à sua conta. E vá de *me* mover por uma *cuinha* ao Sr. Director.

A verdade é que ele bem sabia o terreno que pisava: que eu não gostava menos que ele viesse, do que ele de vir!

(Cont. na página três)



Aqui Tojal: Eles, os pintainhos, os galos, galinhas os cestos, os ovos, mai-lá alegria de todos juntos. O sorriso franco, a confiança, a Paz nas almas. O à vontade por estar no que é seu, a calça arregaçada a trabalhar, a confiança. São as Casas do Gaiato a abrir as portas ao mundo, para que o Caminho seja Aquele!